

“A TEMPESTADE DE AREIA LHE TROUXE PRA MAIS PERTO”:
Percorrendo sentidos e narrativas prefigurativas na obra de Potyguara Bardo

ROSE DE MELO ROCHA¹
THIAGO TAVARES DAS NEVES²
GT CNPq Juvenália – PPGCOM/ESPM
GT CLACSO Infancias y juventudes

RESUMO | Exploramos nessa proposta uma aproximação informada com a obra da artista potiguar Potyguara Bardo. Transitando por chaves analíticas como a da “perfechatividade” e da “nordestinidade” nos utilizaremos ainda de uma análise de letras, entrevistas, visualidades e musicalidades da artista, de modo a compreender a emergência em sua obra de traços de subjetivação e prefiguração de uma visita e reconfiguração de experiências traumáticas. Como hipótese analítica consideramos que a obra de Potyguara Bardo é marcada pelo trânsito entre diferentes territórios artísticos e culturais, desafiando categorias estabelecidas e propondo novas formas de subjetivação e expressão de si.

PALAVRAS-CHAVE | Potyguara Bardo; Nordestinidade; Perfechatividade; Platôs.

PROPOSTA

Bardos, cyborgs, fechação, fantasias, elfos, performances, drags, psicodelia, “nordestinidade”, potiguar, são operadores conceituais que fazem parte do orbe semântico e existencial da drag queen potiguar Potyguara Bardo. Por trás da artista performática, há José Aquilino Araújo, cantor, ator, compositor, roteirista, maquiador, diretor audiovisual. Nascido em 20 de abril de 1995, deixou o curso de tecnologia da informação na UFRN para nascer como Potyguara Bardo.

Neste trabalho objetivamos desvendar por meio de algumas entrevistas, letras, musicalidades, visualidades não só como a artista performa, ou melhor, perfechativa (COLLING; ARRUDA; NONATO, 2019) sua arte, como também há a criação de um

¹ Professora titular do PPGCOM-ESPM pesquisadora do GT CLACSO Infancias y Juventud, líder do GT CNPQ Juvenália, bolsista produtividade em pesquisa do CNPQ. E-mail: rlmrocha@uol.com.br

² Pós-Doutor em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP. Doutor em Ciências Sociais pela UFRN e jornalista pela mesma instituição. Membro do grupo de pesquisa Juvenália - Culturas juvenis: comunicação, imagem, política e consumo da ESPM- SP. E-mail: nevesthiago1@hotmail.com

“Nordeste Ficcional” (LINHARES; BARBOSA, 2021)³ ou de uma “ficção potiguar” ou “nordestinidade” criada em suas narrativas de si que permeiam sua existência.

As perfechatividades são expressões de gênero de gays afeminados fechativos (ou das gays afeminadas fechativas), uma aglutinação/combinção entre fechação e performance. A noção de perfechatividade, ao invés de justapor as palavras performance e performatividade, borrando as fronteiras entre dois conceitos, traz a noção de fechação à centralidade da performatividade. Dessa forma, a perfechatividade pretende superar os limites conceituais de uma terminologia que não auxilia a compreender a experiência das bichas afeminadas e fechativas (COLLING; ARRUDA; NONATO, 2019).

Desde cedo, me lembro de performar no espelho e de cantar. Dentro de casa, eu fazia até cena de novela e dublava sozinha, dentro do meu próprio mundo. Quando fui crescendo, ouvi algumas vezes em tom pejorativo que eu era artista e associei isso com a repressão que sentia por ser afeminado (BARDO, 2021).

Na sua arte podemos falar que há toda um campo ficcional, ou porque não dizer, uma narrativa ficcional e potiguar criada na sua perfechatividade enquanto drag queen. Essa narrativa abraça sua fexação, a música, sua territorialidade (Nordeste/Potiguar) e também uma “extraterritorialidade”, radicada em seus bardos, no universo alienígena, psicodélico, sempre presente em suas apresentações e representações. “Bardo vem do Livro Tibetano dos Mortos que em tibetano significa liminaridade, que é o que está entre dois mundos, ou o que está além da perspectiva” (BARDO, 2018). O bardo diz respeito a cada etapa da vivência psicodélica, presente na vida, nas letras e nos vídeos da artista potiguar.

A consciência territorial e étnica está presente em suas apresentações e em algumas entrevistas assim como essa ficção potiguar criada por Potyguara. Em fala para o site Elastica, declarou:

Os ritmos que vêm da minha terra estão tomando proporções maiores. O meu nome vem dos povos Potiguar que vivem não só no Rio Grande do Norte, mas por toda a orla do Nordeste por conta da invasão da colonização. Isso me influencia muito fortemente porque é um povo guerreiro e me inspira a continuar sendo quem eu sou. Esse povo e todos

³ O termo “Nordeste Ficcional” é uma espécie de migração conceitual que fizemos da cantora e compositora potiguar Juliana Linhares que lançou o álbum *Nordeste Ficção* em 2021, e na letra da música que leva o mesmo título do álbum, a compositora inspirada no livro “A invenção do Nordeste e outras artes de Durval Muniz de Albuquerque Jr., busca desconstruir a imagem estereotipada que se foi criada sobre o Nordeste.



os outros povos indígenas do país seguem sofrendo com a tentativa da colonização de apagar suas culturas (BARDO, 2021).

Nas entrevistas, perfeições, letras, essa ficção potiguar/indígena encontra solo fértil para proliferação construindo narrativas, identidades, imagens, sons que escapam dos modelos midiaticamente edificadas e estereotipados. As narrativas dos protagonistas da música-queer, por exemplo, não se reduzem exclusivamente à feitura e disseminação de videocliques, mas se conectam e se referencializam nos shows e debates de que participam estas e estes cantores, nas entrevistas que concedem, em seus canais próprios de divulgação, nos comentários e ações de seus fãs, e também de seus *haters*. (ROCHA; POSTINGUEL; NEVES; SANTOS, 2020).

Gostaríamos ademais de compreender os “bardos” de Poty em uma visada de re-existência e prefiguração de universos possíveis para reviver traumas e reinventar territórios de supervivência – psíquica, subjetiva, afetiva. Para tanto, acionamos ou, antes, colocamos os bardos em regime de contágio com algumas propostas e perspectivas teóricas advindas de Deleuze e Guattari.

Quando publicaram a série de livros intitulada **Mil Platôs** (1995), ao longo dos anos de 1980 a 1987, e dando sequência à obra **O Anti-Édipo** (2014), originalmente do ano 1972, os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari empenharam-se em compreender as diferentes camadas ou modos de expressão subjetiva no contexto das relações viscerais que para eles articulavam capitalismo e esquizofrenia. Continuaram ainda a explorar e propor um modo original de compreender o desejo e a subjetividade, apresentando-nos o conceito, ainda fundamental, de “máquinas desejantes”. A força produtiva e criativa do desejo, sua potência de subjetivação, produz ecos e se atualiza na compreensão das contemporâneas sociedades midiáticas, imagéticas e discursivas, profundamente marcadas por uma paradoxal hiper demanda e repressão, ou normatização, de nossas potências desejantes.

Em **Mil Platôs** essas ideias são aprofundadas e desenvolvidas. Com sua estrutura não-linear e metafórica, os volumes nos conduzem a temáticas que consideramos bastante adequadas à exploração dos diferentes bardos pelos quais transita Potyguara. Nessa direção, entendemos que a artista transita e transfigura uma certa ideia de nordestinidade, a colocando em condição de rasura. Há, nesse aspecto, um comentário de Deleuze e



Guattari que resgatamos nessa argumentação. Os autores propõem que um dos temas do **Anti-Édipo** seria a compreensão de que “o inconsciente funciona como uma usina e não como um teatro (questão de produção, e não de representação)” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 7). É justamente neste lugar de fratura e de processualidades que se dá a produção do Nordeste em Poty. Os autores seguem suas reflexões, argumentando que em **Mil Platôs** o projeto é “construtivista”. “É uma teoria das multiplicidades por elas mesmas, no ponto em que o múltiplo passa ao estado de substantivo” (idem, p.8), multiplicidades estas que “são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e nem remetem a um sujeito.” (ibidem).

Rizomática e desterritorializada, Potyguara Bardo sequer poderia ser pensada estritamente em uma categorização de uma performatividade drag. Ao contrário, a percebemos como persona situada no âmbito da incompletude e do trânsito. Como já exploramos em outros escritos, Potyguara constrói-se na ordem do experimentalismo trans, um devir trans, sem com isso constituir-se como existência trans, tampouco como existência drag.

Como pretendemos demonstrar ao longo de nossa apresentação, caso a proposta seja aprovada, acionando para tanto os magmas imagéticos, sonoros e narrativos expressos por Potyguara ao longo de sua obra artística, os bardos podem ser lidos como territórios ficcionais de invenção de si, ou seja, são potencialidades expressivas de re-existir. O conceito de rizoma, abordagem alternativa às grades interpretativas hierárquicas e binárias, tem nos permitido construir uma aproximação anti-canônica com a obra multifacetada de Potyguara Bardo, nela situando os pontos de ruptura e de reterritorialização, seja com uma ideia de Nordeste, seja com a própria convergência entre elementos do pop e do experimentalismo radical que conformam suas musicalidades.

A obra de Potyguara Bardo é marcada pelo trânsito entre diferentes territórios artísticos e culturais, desafiando categorias estabelecidas e propondo novas formas de subjetividade e expressão. Através de sua performance, música e apresentação visual, que configura uma peculiar e idiossincrática narrativa de si, Potyguara cria uma narrativa multifacetada que mescla elementos do pop, do experimentalismo e das tradições nordestinas.



Em suas apresentações, Potyguara se vale de uma performance estética vibrante e carregada de simbolismos, que evoca tanto o imaginário popular quanto as vanguardas artísticas. Sua música incorpora ritmos e sonoridades diversas, criando uma paisagem sonora que é ao mesmo tempo familiar e estranhamente familiar. As letras de suas canções, por sua vez, abordam temas como identidade, resistência e transformação, convidando o público a refletir sobre suas próprias experiências e a se engajar em um processo de reinvenção pessoal e coletiva.

Além disso, Potyguara Bardo explora a ideia de nordestinidade de maneira crítica e inovadora, colocando em questão estereótipos e preconceitos associados à região. Sua obra propõe uma visão do Nordeste que é ao mesmo tempo enraizada em suas tradições e aberta às influências globais, criando assim um espaço de tensionamento e dialogia. A obra de Potyguara pode ser vista como um convite à experimentação e à liberdade de expressão de si, desafiando normatividades e criando novas possibilidades de existência e de criação artística. Em sua trajetória, Potyguara Bardo demonstra que a arte pode ser um poderoso instrumento de transformação e de resistência, capaz de abrir caminhos para novas formas de pensar, sentir e viver.

REFERÊNCIAS

BARDO, Potyguara. 'Programa Xeque-Mate - Entrevista Potyguara Bardo (Parte 1)'. **TVU**, 23 nov. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bQ_HU9KXe5Y. Acesso em 13 mar. 2025.

<https://elastica.abril.com.br/especiais/potyguara-bardo-oasis-drag-queen-musica>

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix O anti-Édipo.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil Platôs.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 57, p. 1-34, 2019.

LINHARES, Juliana; BARBOSA, Rafael. Nordeste Ficção. In: **NORDESTE FICÇÃO** [CD]. [S.l.]: [Editora], [2021].

ROCHA, Rose de Melo; POSTINGUEL, Danilo; NEVES, Thiago Tavares das; SANTOS, Thiago Ribeiro. Comunicação e estudos de gênero: políticas de audiovisibilidade e narrativas midiáticas. **revista Fronteiras – estudos midiáticos**. v.22, n.2, p. 91-102, 2020.

3º SIMPÓSIO
POPFILIA
MONTAR CENAS, FANTASIAR VIDAS

Edição Remota, UFPE
02, 03 e 04 de julho de 2025

